

**ÁGUA
FRESCA
PARA AS
FLORES**

**VALÉRIE
PERRIN**

Água fresca para as flores

Valérie Perrin

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © Éditions Albin Michel, 2018

TÍTULO ORIGINAL
Changer l'eau des fleurs

COPIDESQUE
Eduardo Rosal

REVISÃO
Daiane Cardoso
Letícia Taets Lira

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Antonio Rhoden

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P541a

Perrin, Valérie, 1967-

Água fresca para as flores / Valérie Perrin ; tradução Carolina Selvatici. -
1. ed. -Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
23 cm.

Tradução de: Changer l'eau des fleurs
ISBN: 978-65-5560-230-2
978-65-5560-597-6 [c.i.]

1. Ficção francesa. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

21-72542

CDD: 843

CDU: 82-3(44)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



1

*Basta que um único ser nos falte
para que tudo pareça vazio.*

Meus vizinhos não tremem na base. Eles não têm preocupações, não se apaixonam, não roem as unhas, não acreditam em coincidências, não fazem promessas nem barulho, não recebem pensão, não choraram, não procuram a chave, os óculos, o controle da TV, os filhos nem a felicidade.

Eles não leem, não pagam impostos, não fazem dieta, não têm preferências, não mudam de opinião, não arrumam a cama, não fumam, não fazem listas, não ficam remoendo uma ideia antes de falar. Eles não têm substitutos.

Não são puxa-sacos, ambiciosos, rancorosos, vaidosos, mesquinhos, generosos, ciumentos, negligenciados, limpos, sublimes, engraçados, viciados, avarentos, sorridentes, espertos, violentos, apaixonados, rabugentos, hipócritas, doces, durões, moles, maldosos, mentirosos, ladrões, jogadores, corajosos, preguiçosos, crentes, pervertidos nem otimistas.

Eles estão mortos.

A única diferença entre eles é a madeira do caixão: carvalho, pinho ou mogno.



2

*O que você quer que eu me torne,
se não ouço mais seus passos,
se não sei se é sua vida ou a minha
que não deixa traços.*

Eu me chamo Violette Toussaint. Fui vigia ferroviária e agora sou zeladora de cemitério.

Degusto a vida, tomo-a em pequenos goles, como um chá de jasmim misturado com mel. E, quando a noite chega, depois que os portões do meu cemitério são fechados e a chave é pendurada na porta do meu banheiro, estou no paraíso.

Não o paraíso dos meus vizinhos. Não.

O paraíso dos vivos: um gole de vinho do Porto — uma safra requintada de 1983 — que José-Luiz Fernandez me traz todo dia 1º de setembro. Um resto de férias servido em uma tacinha de cristal, um dia de sol em meio a tempos nublados, do qual saco a rolha perto das sete da noite faça chuva, faça neve, faça vento.

Dois dedos de líquido cor de rubi. O sangue das vinhas do Porto. Fecho os olhos. E saboreio. Um gole basta para alegrar minha noite. Só dois dedos porque adoro a embriaguez, mas não o álcool.

José-Luiz Fernandez traz flores para o túmulo de sua esposa Maria Pinto, sobrenome de casada Fernandez (1956-2007), uma vez

por semana, a não ser em julho, mês em que eu assumo a tarefa. Daí o vinho do Porto para me agradecer.

Meu presente é um presente do céu. É o que digo a mim mesma toda manhã, quando abro os olhos.

Fui muito infeliz. Diria, até mesmo, que reduzida a nada. Inexistente. Vazia. Fui como meus vizinhos, mas pior. Minhas funções vitais funcionavam, mas sem mim. Sem o peso de minha alma, que, segundo dizem por aí, sejamos nós gordos ou magros, grandes ou pequenos, jovens ou velhos, é de 21 gramas.

No entanto, como nunca gostei de desgraças, decidi que aquilo não ia continuar. É preciso que a desgraça acabe um dia.

Comecei muito mal. Assim que nasci, fui deixada em um orfanato nas Ardenas, no norte do canto que faz fronteira com a Bélgica, onde o clima é considerado “continental transicional” (com fortes chuvas no outono e geadas frequentes no inverno) e onde imagino que esteja o canal da canção de Jacques Brel.

No dia em que nasci, eu não chorei. Então me deixaram de lado, como um pacote de 2,67 quilos sem selo e sem o nome do destinatário, enquanto preenchiam documentos administrativos para declarar minha partida antes mesmo da minha chegada.

Havia nascido morta. Uma criança sem vida nem sobrenome.

A parteira precisava me dar um nome rápido para preencher as lacunas, então escolheu Violette.

Imagino que eu estivesse violeta da cabeça aos pés.

Quando mudei de cor, quando minha pele se tornou rosada e a mulher teve que preencher minha certidão de nascimento, acabou não trocando meu nome.

Tinham me colocado sobre um aquecedor. Minha pele esquentou. O ventre de minha mãe, que não me desejava, devia ter me congelado. Só que o calor me trouxe de volta à vida. Com certeza é por isso que gosto tanto do verão, que nunca perco a chance de pegar o primeiro raio de sol que aparece, como um girassol.

Meu nome de solteira é Trenet, igual ao do Charles. Com certeza foi a mesma parteira que me deu esse sobrenome, depois de escolher Violette. Ela devia adorar o Charles. Como eu também o adorei. Por muito tempo, o considereei um primo distante, uma espécie de tio americano que nunca conheceria. Quando gostamos de um cantor, por cantarmos suas músicas, sentimos que temos algum tipo de relação com ele.

Toussaint veio depois. Quando me casei com Philippe Toussaint. Com um nome desses — “todos os santos” —, eu devia ter desconfiado. Mas existem homens que se chamam Flores e batem nas mulheres. Um nome bonito não impede ninguém de ser um canalha.

Nunca senti falta da minha mãe. A não ser quando tinha febre. Quando minha saúde melhorava, eu crescia. Crescia bem para cima, como se a ausência de meus pais tivesse posto uma vareta nas minhas costas. Mantenho as costas retas. É uma característica minha. Nunca me curvei. Nem mesmo nos dias tristes. Sempre me perguntam se fiz balé clássico. Digo que não. Que foi a rotina que me disciplinou, que me obrigou a fazer barra e pontas todos os dias.



3

*Que me levem ou levem
meus parentes assim,
já que todos os cemitérios
um dia formam jardins.*

Em 1997, quando a cancela na qual trabalhávamos foi automatizada, meu marido e eu perdemos nosso emprego. Acabamos aparecendo no jornal. Éramos as últimas vítimas colaterais do progresso, os funcionários que ativavam a última cancela manual da França. Para ilustrar a matéria, o jornalista tirou uma foto nossa. Philippe Toussaint até pôs o braço em volta de minha cintura para fazer a pose. Apesar do meu sorriso, só Deus sabe como meus olhos tinham um ar de tristeza naquela foto.

No dia da publicação da matéria, Philippe Toussaint voltou da extinta Agência Nacional de Empregos com uma expressão de horror: percebeu que teria que trabalhar. Tinha se acostumado com o fato de que eu fazia tudo no lugar dele. Com ele, no quesito preguiça, eu tinha tirado a sorte grande.

Na tentativa de animá-lo, entreguei a ele um folheto. “Zelador de cemitério, a profissão do futuro.” Ele olhou para mim como se eu tivesse ficado maluca. Em 1997, ele me olhava todos os dias como se eu tivesse ficado maluca. Será que um homem que não ama mais sua mulher olha para ela como se ela tivesse enlouquecido?

Expliquei a ele que tinha encontrado o anúncio por acaso. Que a prefeitura de Brancion-en-Chalon estava procurando um casal de zeladores para cuidar do cemitério. E que os mortos tinham horário fixo e fariam menos barulho do que os trens. Que eu havia falado com o prefeito, que, por sua vez, estava disposto a nos contratar imediatamente.

Meu marido não acreditou em mim. Disse que não acreditava em coincidências. Que preferia morrer a ir *para lá* fazer aquele trabalho de carniceiro.

Ele ligou a TV e jogou *Mario 64*. O objetivo do jogo era pegar todas as estrelas de cada mundo. Eu só queria pegar uma estrela: a certa. Foi nisso que pensei quando vi Mario correr por todos os cantos para salvar a princesa Peach, sequestrada pelo Bowser.

Então insisti. Falei que, se nos tornássemos zeladores do cemitério, teríamos um salário para cada um, muito melhor do que o da cancela, e que os mortos pagavam melhor do que os trens. Que teríamos uma bela casa cedida pela prefeitura, sem custo nenhum. Que isso nos faria mudar da casa em que morávamos havia anos, um barraco que parecia uma banheira no inverno e era tão quente quanto o Polo Norte no verão. Que seria um recomeço e que era disso que nós precisávamos, que colocaríamos cortinas bonitas nas janelas para não ver nada dos vizinhos, das cruzeiras, das viúvas etc. Que aquelas cortinas seriam a fronteira entre a nossa vida e a tristeza dos outros. Eu poderia ter dito a verdade a ele, ter dito que aquelas cortinas seriam a fronteira entre a minha tristeza e a dos outros. Mas de modo algum. Não diga nada. Disfarce. Finja. Para que ele ceda.

Para convencê-lo, acabei prometendo que ele não teria que fazer NADA. Que três coveiros já cuidavam da manutenção, das covas e da administração do cemitério. Que o trabalho era apenas abrir e fechar os portões. Estar presente. Com horários bem tranquilos. Com férias e fins de semana tão longos quanto o viaduto de Bellegarde-sur-Valserine. E que eu fazia o resto. Todo o resto.

Super Mario parou de correr. A princesa despencou.

Antes de se deitar, Philippe Toussaint voltou a ler o anúncio: “Zelador de cemitério, a profissão do futuro.”

Nossa cancela ficava em Malgrange-sur-Nancy. Naquela época da minha vida, eu não vivia. “Naquela época da minha morte” seria mais apropriado. Eu me levantava, me vestia, trabalhava, fazia compras e dormia. Com um remédio para dormir. Talvez dois. Talvez mais. E via meu marido me olhar como se eu tivesse ficado maluca.

Meus horários eram absurdamente maçantes. Eu baixava e levantava a cancela quase quinze vezes por dia durante a semana. O primeiro trem passava às 4h50 e o último às 23h04. O barulho da campainha da cancela ecoava na minha cabeça. E a ouvia antes mesmo que soasse. Aquela cadência infernal devia ter sido dividida, compartilhada entre os dois. Mas a única coisa de que Philippe Toussaint cuidava era da própria moto e do corpo de suas amantes.

Ah, como os passageiros que via me faziam sonhar. Eram apenas trenzinhos locais que ligavam Nancy a Épinal e que paravam umas dez vezes por trajeto em vilarejos perdidos, para servir aos moradores da região, mas eu tinha inveja daqueles homens e mulheres. Imaginava que estavam a caminho de compromissos, compromissos que eu queria ter, como aqueles viajantes que passavam.

Nós seguimos para a Borgonha três semanas depois da publicação da matéria no jornal. Passamos do cinza ao verde. Do asfalto aos prados, do cheiro de alcatrão da via férrea ao do campo.

Chegamos ao cemitério de Brancion-en-Chalon em 15 de agosto de 1997. A França estava de férias. Todos os moradores tinham saído da cidade. Os pássaros que voam de túmulo em túmulo não voavam mais. Os gatos que se deitam entre os vasos de flores tinham desaparecido. Estava quente demais até para as formigas e os lagartos, os mármore pegavam fogo. Os coveiros estavam de férias, os novos mortos também. Eu perambulava sozinha pelos corredores, lendo o nome das pessoas que nunca conheceria. Mesmo assim, logo me senti bem ali. No meu lugar.



4

*O ser é eterno,
a existência, uma passagem,
a lembrança eterna dele
será a mensagem.*

Quando adolescentes não colocam chiclete na fechadura, sou eu quem abre e fecha os portões pesados do cemitério.

O horário de funcionamento varia de acordo com as estações.

Entre 1º de março e 31 de outubro, das oito da manhã às sete da noite.

Entre 2 de novembro e 28 de fevereiro, das nove da manhã às cinco da tarde.

Ninguém decidiu nada para o dia 29 de fevereiro.

No dia 1º de novembro, das sete da manhã às oito da noite.

Assumi as funções do meu marido depois que ele foi embora — ou melhor, desapareceu. Philippe Toussaint aparece sob a legenda “desaparecido” no registro oficial da polícia.

Restam vários homens no meu horizonte diário. Os três coveiros: Nono, Gaston e Elvis. Os três agentes funerários — os irmãos Lucchini, cujos nomes são Pierre, Paul e Jacques — e o padre Cédric Duras. Todos esses homens passam várias vezes por dia na minha casa. Vêm tomar uma bebida ou beliscar alguma coisa. Também me ajudam com a horta, quando tenho sacos de terra para carregar, ou

com o conserto dos vazamentos. Eu os considero amigos, não colegas de trabalho. Mesmo quando não estou, eles podem entrar na minha cozinha, preparar um café, lavar a xícara e ir embora.

Os coveiros têm uma profissão que inspira nojo, asco. Mas os do meu cemitério são os homens mais gentis e agradáveis que conheço.

Nono é a pessoa em quem mais confio. É um homem correto, que tem a alegria de viver no sangue. Tudo o faz rir e ele nunca diz não. Exceto quando aparece algum enterro de criança. *Isso* ele deixa para os outros. “Para quem tem coragem”, como ele diz. Nono se parece com Georges Brassens. Esse comentário o faz rir, porque sou a única pessoa no mundo que diz que ele se parece com Georges Brassens.

Já Gaston é a própria definição de sem-jeito. Seus gestos são desajeitados. Ele sempre parece estar bêbado, apesar de só beber água. Durante os enterros, fica parado entre Nono e Elvis para o caso de perder o equilíbrio. Sob os pés de Gaston, existe um terremoto permanente. Ele derruba, cai, derrama, destrói. Quando entra na minha casa, sempre tenho medo de que quebre alguma coisa ou se machuque. E, como o medo não evita o perigo, toda vez que entra ele quebra um copo ou se machuca.

Elvis é chamado assim por todo mundo por causa de Elvis Presley. Ele não sabe ler nem escrever, mas sabe de cor todas as músicas do ídolo. Pronuncia mal as letras, nunca sabemos se está cantando realmente em inglês, mas ele canta com todo o coração. “*Love mi tender, love mi tru...*”

Os irmãos Lucchini têm menos de um ano de diferença de idade: trinta e oito, trinta e nove e quarenta anos. A família deles trabalha em funerárias há várias gerações. Os três também são os felizes proprietários do necrotério de Brancion, que fica ao lado da loja deles. Nono me contou que só uma porta de correr separa a loja do necrotério. Pierre, o mais velho, é quem recebe as famílias de luto. Paul é tanatopraxista e trabalha no subsolo. E Jacques é o motorista do rabeção. É ele quem faz a última viagem. Nono chama os irmãos de “apóstolos”.

E temos também o padre Cédric Duras. Deus tem bom gosto, ainda que nem sempre seja justo. Desde que o padre Cédric chegou,

parece que muitas das mulheres da região tiveram revelações divinas. Soube que há cada vez mais fiéis nos bancos da igreja nas manhãs de domingo.

Eu nunca vou à igreja. Seria como dormir com um colega de trabalho. Por outro lado, acho que ouço mais confissões de pessoas que passam por aqui do que o padre Cédric em seu confessionário. É em minha casa modesta e nos corredores de meu cemitério que as famílias derramam suas palavras. Ao chegar, ao sair, às vezes nos dois momentos. Um pouco como os mortos. No caso deles, são os silêncios, as lápides, as visitas, as flores, as fotografias e o modo como os visitantes se comportam diante das sepulturas que me contam coisas sobre sua antiga vida. Sobre quando estavam vivos. Em movimento.

Minha profissão exige que eu seja discreta, goste de pessoas e não tenha compaixão. Não ter compaixão, para uma mulher como eu, seria como ser astronauta, cirurgiã, vulcanóloga ou geneticista. Não faz parte do meu mundo nem tenho esses talentos. Mas eu nunca choro na frente de um visitante. Isso acontece antes ou depois de um enterro, nunca durante. Meu cemitério tem três séculos. O primeiro morto que ele acolheu foi uma mulher. Diane de Vignerón (1756-1773) morreu no parto aos dezessete anos. Se passarmos a ponta dos dedos na lápide de sua sepultura, ainda conseguimos discernir seu nome gravado na pedra grega. Ela não foi exumada, apesar de faltar lugar no meu cemitério. Nenhum dos sucessivos prefeitos se arriscou a tomar a decisão de incomodar a primeira enterrada. Especialmente porque existe uma antiga lenda sobre Diane. Segundo os moradores de Brancion, ela teria aparecido com “trajes de luz” várias vezes diante das vitrines das lojas do centro e no cemitério. Quando vou aos brechós da região, às vezes encontro representações do fantasma de Diane em cartões-postais ou em gravuras antigas que datam do século XVIII. Uma Diane falsa, criada, disfarçada de fantasma comum sobre uma bugiganga qualquer.

Existem muitas lendas sobre túmulos. Os vivos costumam reinventar a vida dos mortos.

Há uma outra lenda em Brancion, muito mais recente do que Diane de Vigneron. Ela se chama Reine Duchá (1961-1982). Está enterrada no meu cemitério, no corredor quinze, na quadra dos Cedros. Uma moça morena bonita e sorridente aparece na foto fixada na lápide. Ela morreu em um acidente de carro na saída da cidade. Jovens a teriam visto na beira da estrada, toda de branco, no local do acidente.

A lenda das “mulheres de branco” rodou o mundo. Esses fantasmas de mulheres mortas por acidente assombrariam o mundo dos vivos, arrastando suas almas atormentadas por castelos e cemitérios.

E para dar mais força à lenda de Reine, seu túmulo se moveu. Segundo Nono e os irmãos Lucchini, foi um problema de deslizamento de terra. Isso acontece sempre que muita água se acumula em uma cova.

Em vinte anos, acho que vi muitas coisas no meu cemitério. Certas noites, até flagrei sombras fazendo sexo sobre os túmulos ou entre eles, mas não eram fantasmas.

Com exceção dessas lendas, nada é eterno, nem os jazigos perpétuos. Podemos comprar um jazigo por quinze, trinta ou cinquenta anos ou por toda a eternidade. Mas temos que desconfiar da eternidade: se, depois de um período de trinta anos, um jazigo perpétuo deixa de ser cuidado (e fica com um aspecto condenável e degradado) e nenhuma exumação é feita durante muito tempo, a cidade pode recuperá-lo. Os restos então são levados para um ossário nos fundos do cemitério.

Desde que cheguei, vi vários jazigos destruídos serem desmontados e limpos e os ossos dos cadáveres serem colocados no ossário. E ninguém disse nada. Porque aqueles mortos eram considerados objetos dos quais ninguém mais se considerava dono.

É sempre assim com a morte. Quanto mais antiga ela é, menos poder tem sobre os vivos. O tempo aniquila a vida. O tempo aniquila a morte.

Eu e meus três coveiros fazemos de tudo para não deixar um túmulo abandonado. Não aguentamos ver o aviso de “Este túmulo está sujeito

a recuperação. Por favor, entre em contato com a prefeitura urgentemente”. E isso apesar de o nome do morto ainda estar bem claro na lápide.

Com certeza é esse o motivo de os cemitérios estarem cheios de epitáfios. Para afastar a passagem do tempo. Para que se apeguem às lembranças. Meu preferido é: “A morte começa quando ninguém mais pode sonhar com você.” Ele está no túmulo de uma jovem enfermeira, Marie Deschamps, morta em 1917. Parece que foi um soldado que aplicou a lápide, em 1919. Sempre que passo na frente dela, me pergunto se ele sonhou com ela por muito tempo.

“O que quer que eu faça, onde quer que você esteja, nada vai fazer você desaparecer, eu penso em você”, de Jean-Jacques Goldman, e “As estrelas só falam de você”, de Francis Cabrel, são as letras de música mais usadas nas lápides.

Meu cemitério é muito bonito. Os corredores são margeados por tílias centenárias. Boa parte dos túmulos é florida. Diante da minha casinha de zeladora, vendo alguns vasos de flores. E, quando não dá mais para vendê-los, eu os coloco nas sepulturas abandonadas.

Também plantei pinheiros aqui. Por causa do cheiro que exalam no verão. É o meu cheiro preferido.

Eu os plantei no ano em que chegamos, 1997. Eles cresceram muito e agora dão uma aparência bonita ao cemitério. Fazer a manutenção deste lugar é cuidar dos mortos que descansam aqui. É respeitá-los. E, mesmo que ninguém tenha feito isso quando estavam vivos, pelo menos são respeitados na morte.

Tenho certeza de que muitos canalhas descansam aqui. Mas a morte não diferencia os bons e os maus. Além disso, quem nunca fez besteira pelo menos uma vez na vida?

Ao contrário de mim, Philippe Toussaint imediatamente detestou o cemitério, a cidadezinha, a Borgonha, o interior, as pedras antigas, as vacas brancas, as pessoas daqui.

Eu nem havia terminado de abrir as caixas de mudança e ele já ia andar de moto de manhã até a noite. E, com o passar dos meses, aca-

bava ficando semanas inteiras longe. Até o dia em que não voltou mais. Os policiais não entenderam por que eu não havia declarado o desaparecimento dele antes. Nunca contei a eles que fazia anos que ele havia desaparecido, mesmo quando ainda jantava à minha mesa. No entanto, quando, depois de um mês, percebi que ele não voltaria, me senti tão abandonada quanto os túmulos que limpo regularmente. Tão cinzenta, opaca e instável quanto eles. Pronta para ser destruída e meus restos serem jogados em um ossário.

Os dias de Violette Toussaint são marcados por confidências. Para aqueles que vão prestar homenagens aos entes queridos, a casa da zeladora do cemitério funciona também como um abrigo diante da perda, um lugar em que memórias, risadas e lágrimas se misturam a xícaras de café ou taças de vinho. Com a pequena equipe de coveiros e o padre da região, Violette forma uma família peculiar. Mas como ela chegou a esse mundo onde o trágico e o excêntrico se combinam?

Com quase cinquenta anos, a zeladora coleciona fantasmas — uma infância conturbada, um marido desaparecido e feridas ainda mais profundas —, mas encontra conforto entre os rituais e as flores de seu cemitério. Sua rotina é interrompida, no entanto, pela chegada de Julien Seul, um homem que insiste em deixar as cinzas da mãe no túmulo de um completo desconhecido. Logo fica claro que essa atitude estranha está ligada ao passado difícil de Violette, e esse encontro promete desenterrar sentimentos há muito esquecidos.

À medida que os laços entre os vivos e os mortos são expostos, acompanhamos a história dessa mulher que acredita de forma obstinada na felicidade, mesmo após tantas provações. Com sua comovente e poética ode ao cotidiano, *Água fresca para as flores* é um relato íntimo e atemporal sobre a capacidade de redenção do amor.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1144/>